

ARQUIVOS DE IMPRENSA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA O ESTUDO DE JORNAIS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, SEUS NOVOS PÚBLICOS, INTERESSES E A FIGURA DA MULHER LEITORA E ESCRITORA

LES ARCHIVES DE PRESSE: POSSIBILITÉS ET DÉFIS POUR L'ÉTUDE DES JOURNAUX DE LA SECONDE MOITIÉ DU XIXE SIÈCLE, DE LEURS NOUVEAUX PUBLICS, DE LEURS INTÉRÊTS ET DE LA FIGURE DE LA LECTRICE ET DE L'ÉCRIVAIN

Isadora de Mélo Escarrone Costa*
Laura Junqueira de Mello Reis**

Resumo: Utilizando-se da Nova História Cultural e da História Política Renovada, o presente trabalho busca analisar como os jornais, além de fontes para diferentes pesquisas, também podem ser objetos dessas. Nesse sentido, problematizaremos as transformações ocorridas na sociedade brasileira da década de 1850 a fim de percebermos como essas mudanças impactaram também a realidade da imprensa desse período. Posteriormente estudaremos o processo que possibilitou a demanda por uma segmentação temática dos assuntos da imprensa e dos interesses impressos destinadas a cada público leitor, principalmente o feminino. Como resultado de pesquisa, foi possível vislumbrar que a partir de meados do século XIX uma pequena parte das mulheres letradas se tornou não apenas leitoras, mas também escritoras, apresentando novas funções, demandas e perspectivas, que podem ser encontradas em diferentes periódicos, não apenas aqueles dedicados às damas e senhoras de época.

Palavras-chave: Imprensa, Século XIX, Fontes de pesquisa, Mulheres leitoras e escritoras.

Résumé: L'objectif de ce texte est de comprendre la presse en tant que source documentaire pour les recherches historiographiques; en outre, de comprendre comment les journaux, en plus d'être des sources, peuvent également être des objets de recherche. En ce sens, nous problématisons les transformations qui se sont produites dans la société brésilienne dans les années 1850 afin de comprendre comment ces changements ont également impacté la réalité de la presse à cette époque. Cela dit, nous cherchons à étudier le processus qui a rendu possible la demande d'une segmentation thématique des sujets de presse et des intérêts imprimés destinés à chaque lectorat. Comme résultat de la recherche, nous pouvons constater que, dans ce contexte, les femmes alphabétisées deviennent non seulement des lectrices, mais aussi des écrivaines, présentant de nouvelles fonctions, exigences et perspectives, que l'on retrouve dans différents périodiques, pas seulement ceux dédiés aux dames et aux demoiselles de l'époque.

Mots clés: Presse; 19^{ème} Siècle; Sources de recherche; Femmes lecteurs et écrivains.

* Doutoranda pela UERJ, bolsista capes.

** Doutoranda pela UERJ, bolsista capes.

Introdução

A década de 1850 é considerada, em termos de História da Imprensa, quase como um divisor de águas, pois não somente a política contribuiu para mudanças em suas acomodações, mas a própria imprensa mudou os rumos de seus assuntos para abarcar e cooperar com as transformações desse período.

Nessa década vivia-se o apaziguamento dos conflitos regionais e partidários do Segundo Reinado (1840-1889). Esse apaziguamento apresentou maior êxito ao fim da última grande revolta da Praieira (1848) ¹. Após esse marco, os partidos políticos estabeleceram conciliações visando a manutenção do poder, a legitimidade da coroa, a centralização política e a consolidação de certa identidade nacional de modo a impedir que novas revoltas locais estourassem no vasto território da nação brasileira que ainda se construía.

Os liberais, conhecidos na época como *Luzias*, e conservadores, como *Saquaremas*, embora apresentassem suas diferenças, nesse cenário da década de 1850, perpetuaram mais pontos em comum do que divergências. Tanto que, a frase – “Nada há mais parecido com um saquarema do que um luzia no poder” – expressou parte significava das acomodações políticas dos grupos partidários e a visão que esses grupos tinham uns dos outros no decorrer desse tempo (NEVES; MACHADO, 1999).

A trégua política permitiu que novos assuntos ocupassem a arena das páginas impressas e não apenas aqueles dedicados às questões políticas (MOREL, 2008). Além disso, tal trégua contribuiu para o desenvolvimento de melhorias técnicas, urbanísticas e a estabilidade necessária para a consolidação do Estado-nação brasileiro que pouco a pouco se assentava por meio da unidade nacional, da integridade territorial e da manutenção da escravidão como forma de assegurar a ordem e a estabilidade política (MOREL, 2008).

Com a conciliação de interesses políticos o quadro econômico também trazia uma diversidade de transformações, sobretudo em relação ao modelo de inspiração europeia que se firmava no tecido cultural brasileiro da época. Buscavam-se hábitos vistos como refinados, importavam-se produtos e objetos próximos aos que existiam nos países europeus, principalmente, em países como França e Inglaterra. Desenvolviam-se transformações materiais, surtos industriais, ao mesmo tempo em que se desfrutava de uma exponencial valorização do café (MOREL, 2008).

A vida econômica das principais cidades do Império era atingida por diversas reformas e transformações, como o movimento de regulamentação das sociedades

anônimas, a fundação do segundo Banco do Brasil, a expansão do crédito bancário (que estimulou a iniciativa particular), o incremento de negócios favorecidos pela rapidez das notícias, a introdução dos telégrafos, a iluminação pública à gás, o desenvolvimento de uma elite comercial e financeira, e, enfim, o estabelecimento de meios de transportes modernos entre os centros de produção agrária e as grandes praças comerciais do Império (MOREL, 2008). O país desfrutava de um universo econômico de melhorias significativas que transparecia em diversos setores da sociedade como na indústria tipográfica, de transportes e as melhorias na vida urbana como um todo.

Esse ímpeto de progresso também foi desempenhado pela palavra impressa. Após a agitação política da maioria de D. Pedro II, em 1840, a imprensa foi pouco a pouco arrefecendo os debates destinados às causas políticas e se inserindo no projeto que visava aproximar o Brasil de certo padrão de corte, progresso e civilidade de nações vistas como socialmente avançadas (MARTINS, 2008). Assim, além de suas funções enquanto propagadora dos papéis de cunho político e oficial, de quando foi criada em 1808, ou de arena dos papéis que incendiavam os debates políticos (após a liberdade de imprensa de 1821), os papéis impressos, nos fastos anos da década de 1850, ganhavam a função de portadores do progresso da nação e eram incentivados “pela carga de civilidade” que comportavam (MARTINS, 2008).

Nesse período, “civilidade”, como apontava o dicionário de Antônio Moraes e Silva, um dos maiores dicionários do século XIX, poderia ser definido como:

Ação de homem do povo (civilidade, polidez). Civilidade é propriamente uma disposição habitual, que nos faz evitar no comércio da vida e no trato com os homens, tudo que pode ofendê-los ou desagradá-los. A polidez acrescenta à civilidade o cuidado que pomos em agradar e obrigar os outros (SILVA, 1877, p 390).

Dessa forma, percebe-se que um indivíduo civilizado seria aquele polido e educado que teria trato nas relações interpessoais. Tratava-se de um ideal europeu conforme já ditava a imprensa do período. O objetivo era fazer homens e mulheres civilizadas que, de acordo com o mesmo dicionário, significava:

Civilizado: Policiado, polido. Civilizado diz-se de um povo, quando tendo deixado os costumes bárbaros se governa por leis. Policiado quando pela obediência às leis tem adquirido o hábito das virtudes sociais. E polido quando em suas ações mostra elegância, urbanidade e gosto (SILVA, 1877, p. 390).

Nessa lógica, a partir dos preceitos expostos nas folhas, os indivíduos deveriam seguir a legislação, deixando de lado os costumes bárbaros que os guiavam anteriormente.

Seria então alguém que obedecia devidamente às normas, além de demonstrar refinamento, através do bom gosto e da elegância.

Nesse mesmo período de busca de ares mais civilizados, em meados do século XIX, havia altos níveis de analfabetismo (BUIIONI, 1981). Logo, vale destacar, que por mais que a imprensa tenha avançado a partir da década de 1850, os/as leitores/as eram, majoritariamente, brancos e pertencentes ao menos a uma classe mediana cujo conhecimento da leitura permitia circular entre o universo dos periódicos.

Também vale destacar que a imprensa foi o meio de comunicação de destaque nesse período. Através dela perpassaram todo tipo de informação e de moldes comportamentais a fim de adequar as condutas do momento que poderiam adentrar à oralidade das ruas, ser debatida e comentada. Assim como, poderia ser propagada, copiada, reproduzida, a partir das posturas comportamentais que colocava a público. Afinal, longe de serem isentos, os jornais apresentavam perfis editoriais distintos e cada artigo era publicado exprimindo uma intenção (CHARTIER, 1999).

Assim, “mergulhar” nessa carga de civilidade e as reformas que a imprensa perpassava e propagava vem a ser um dos objetivos desse artigo. Além disso, busca-se entender que os jornais são importantes fontes de análise para pesquisas historiográficas; além de também agirem como objeto de pesquisa que exprimem vozes, representações, posturas comportamentais, silêncios e almejos; e fora, à época, um meio fundamental de expressão para as mulheres que ousavam escrever e, é nesse período, que a figura das mulheres leitoras e escritoras começa a se expandir.

Para isso, como quadro teórico-metodológico, adentraremos à tradição da História Cultural a partir de Roger Chartier e Pierre Bourdieu pois esses compreenderam que os impressos devem ser estudados tanto por observações sobre distinções sociais, tanto pela análise dos objetos de leitura e sua materialidade. Ao lado da História Cultural, utilizaremos da História Política Renovada, pois essa cada vez mais vem mostrando a importância e os múltiplos poderes que o impresso pode desempenhar. A partir da Renovação da História Política, a mídia, que no Oitocentos significava basicamente os periódicos, passa a ser encarada, como um meio privilegiado de entendermos a cultura política. Assim, seguindo essa lógica, compreendemos os jornais como possuidores de significado, ritos, símbolos de poder, “quadros e valores que determinam a representação que uma sociedade faz de si mesma” (BERSTEIN, 1998, p. 351).

Nesse sentido, em um primeiro momento, problematizaremos as transformações ocorridas na sociedade brasileira da década de 1850 a fim de percebermos como essas

mudanças impactaram também a realidade da imprensa desse período. Posteriormente, analisaremos a ampliação das temáticas da imprensa e sua segmentação temática de modo a fazer um quadro dos tipos de impresso que poderiam ser direcionados às mulheres de época; assim como aquelas folhas que eram voltadas para o público em geral, a exemplo de periódicos religiosos e diários, que não preocupava-se, necessariamente, com questões que, à época, eram entendidas como de interesse feminino, a exemplo da moda e literatura.

A imprensa dos faustos anos do Segundo Reinado e sua segmentação temática: Novos públicos, novos interesses, novos impressos e a presença das mulheres.

Na segunda metade do século XIX a imprensa se abria para temas diversos, tornando-se mais sólida e multiplicando-se as funções que desempenhava. Dentre as várias transformações que perpassava se destaca: o aumento do número de tipografias, a criação da profissão de jornalista (CHARTIER, 1999) e a consolidação de jornais literários, satíricos, ilustrados, comerciais, de moda e outras temáticas. Cresciam também os almanaques, os diários, as traduções, os romances-folhetins, as crônicas e firmavam-se os impressos que se direcionavam para públicos específicos e com interesses próprios (CHARTIER, 1999).

A imprensa ainda prestava serviços diversos à sociedade. Era nela que se anunciavam o movimento das navegações do porto, os produtos de diferentes lojas, a busca por um serviço específico, a chegada ou partida de um morador ilustre e todas as novidades que se materializavam, fosse na sede da corte, fosse em locais distantes, que passavam a ser conhecidos por meio da rapidez das notícias que se deslocavam pelos novos caminhos de ferro.

Nos faustos anos de 1850, que marcaram o apogeu do Império de D. Pedro II, a imprensa mostrava-se produto e agente de um contexto diversificado que buscava o progresso e novos hábitos culturais com jornais que pretendiam atender a complexidade e objetivos da nação que se formava. Vivia-se um período de mudanças técnicas e materiais, de melhorias da imprensa, do aumento do número de leitores(as) e da inauguração de impressos para públicos diversos, como os jornais literários, científicos, comerciais, de religião, satíricos, de imigrantes e um maior número de jornais voltados para as mulheres.

Sobre os jornais direcionados ao público feminino Marco Morel e Mariana Barros afirmaram “em uma sociedade patriarcal, como a brasileira, a leitura representou para a mulher ‘as primeiras aventuras de libertação’” (2003, p. 60). De acordo com os autores, o letramento feminino foi uma das primeiras reivindicações e conquistas femininas ao longo da história, tendo em vista que durante o período colonial, e ainda logo no pós-independência a educação feminina se limitava, à grosso modo, ao claustro dos conventos ou às famílias abastardas que solicitavam o trabalho das preceptoras e, posteriormente, dos colégios particulares. Além de um restrito acesso à educação feminina, de modo geral, ler não era tradicionalmente uma atribuição vista como necessária às condições e funções destinadas ao feminino. Sendo assim, a constituição de uma imprensa especializada, voltada para as mulheres letradas foi uma questão atravessada por empecilhos.

Nessa sequência, os jornais voltados às mulheres no Brasil data da década de 1820, pois, lado a lado com a busca e a conquista de certa instrução feminina, a imprensa dedicada às leitoras tomou seus contornos. Em 1827, juntamente com a lei que regulamentava o ensino de meninas, nasciam periódicos que tinham em seus títulos palavras como “espelhos”, “professores”, “manuais”, “despertadores” e outras, denotando a ideia que as mulheres deveriam ser instruídas (DUARTE, 2016).

Contudo, em meados do século XIX, por volta de 1850, os jornais femininos tomaram números diferenciados. Segundo Constância Lima Duarte, o Rio de Janeiro e Pernambuco foram os locais que mais circularam jornais voltados às leitoras do Império. Ao todo, pelo menos vinte e cinco periódicos dedicados às damas circularam em Recife e quarenta e cinco na cidade do Rio de Janeiro, ao longo do século XIX (DUARTE, 2016). Dentre esses quarenta e cinco, somente na década de 1850, pelo menos dez revistas foram publicadas exclusivamente para o público feminino na corte e capital política do Império².

No que se refere aos jornais voltados para o público feminino destacamos que, embora em número muito reduzido, em meados do XIX já existia periódicos escritos por redatoras, como foi o caso do conhecido *Jornal das Senhoras* (1852–1855), entre outros. Entretanto, em maior número havia aqueles periódicos dedicados às leitoras que eram escritos por homens, mantendo algumas seções redigidas por mulheres, como foi o caso da *Marmota* (1849–1864), *O Periódico dos Pobres* (1850–1856), *Novo Gabinete de Leitura* (1850), *Novellista Brasileiro ou Armazem de Novellas Escolhidas: Revista Feminina da Casa Laemmert* (1851), *Recreio do Bello Sexo, A Borboleta* (1857), *A Violeta Fluminense* (1857-1858), *O Espelho* (1859-1860), *Figaro-Chroniqueur* (1859) e outros.

Nesses jornais, é possível perceber tanto prescrições de uma moral feminina que deveria passar por transformações e que se diferenciavam do passado colonial até então vivido, quanto conteúdos relativos as novas morais e normas comportamentais. Essa moral “moderna” se vislumbrava não apenas nos comportamentos, mas também nos trajes que essas mulheres oitocentistas utilizavam.

Além das condutas citadas nos jornais, não podemos esquecer que as relações sociais desenvolvidas por esses sujeitos também eram fundamentais para determinar hábitos e costumes exemplares. A condição e as relações sociais dos sujeitos envolvidos determinavam as condutas corretas a serem seguidas (CHARTIER, 2004). Tais prerrogativas podem ser percebidas em trechos de periódicos, como nas páginas da *Marmota Fluminense* que, em 1854, afirmava:

Costume que a mulher adota em seu traje; porque não é honesta a mulher que desonestamente se veste, pois que o traje é um grande argumento para sua honestidade ou falta dela, e tanta que os antigos mandando que fosse punido severamente todo homem que fizesse ofensa pública a qualquer mulher, deixava isso de ser delito se a mulher injuriada ou ofendida tinha por costume andar com vestidos pouco honestos (MARMOTA FLUMINENSE, 1854, p. 02).

Esse texto era seguido por uma figura que vislumbrava às leitoras qual era o modelo de traje ideal que deveria ser utilizado por uma senhora fluminense que almejasse se comportar como uma mulher civilizada, ou seja, uma mulher europeia, de preferência uma francesa.

A esfera da civilidade não se encontrava somente nos modos de vestir, mas também estava presente quando falamos de comportamento, conforme mencionamos anteriormente. Não à toa, esse mesmo jornal buscava delinear pontos fundamentais para uma maternidade ideal:

A mulher nascida nas classes superiores dessa sociedade não limita sua obrigação aos cuidados materiais que exige a conservação física de seu filho. Ela aumenta a esfera de seus conhecimentos, coordena sua existência moral, dá-lhe todas as qualidades de seu espírito, imprime-lhe toda sensibilidade de sua alma, de alguma sorte reveste-o com seu caráter, ensina-o a falar, e assim lhe dá o doce som de sua voz, lhe delinea os alegres traços de sua fisionomia, dá graça aos seus movimentos, modela-lhe a precipitação, e assim influi sobre seu futuro destino (MARMOTA FLUMINENSE, 1854, p. 01).

Assim, a imprensa ia, aos poucos, moldando morais comportamentais que deveriam ser seguidos pelas mulheres leitoras. E isso era feito tanto pelos jornais dedicados ao público feminino, produzido por redatores homens, quanto aqueles que

eram produzidos por redatoras mulheres, como aponta *O Jornal das Senhoras* (1850-1855): “Perguntarão como? Pois a mulher pode ter outra influência além das panelas? Outra missão além das costuras, outro provir que não seja o rol da roupa suja? Pois escute-me e a educação de seus filhos?” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p. 6).

Nesse periódico, suas autoras buscavam espaço e elaboração de uma “missão” feminina que, como se percebe na citação, caminhava para uma justificação de sua atuação a partir do contexto de valorização das novas ideias acerca da educação e ação social, mas também de algo considerado próprio do feminino e sacralizado nos discursos literários e religiosos de época: a maternidade (JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p. 4).

O Periódico dos Pobres (1850 – 1854) - jornal dedicado às mulheres, mas produzido por homens -, não ficava atrás quando o assunto era delinear publicações a respeito do comportamento feminino. Publicara, em 1850, um pequeno texto com o título *Dedicado às Senhoras* e argumentava a forma como as mulheres deveriam se colocar em sociedade:

A sociedade depende das senhoras, todos os povos que tem a desgraça de enclausura-las são insensíveis. Não são as mais belas mulheres que inspiram as mais violentas paixões e sim aquelas que possuem virtudes em grão iminente, como seja a bondade, beneficência, ingenuidade que supõe inocência (PERIÓDICO DOS POBRES, 1850, p. 3).

A folha, além de escrever o texto direcionado às mulheres, buscava parecer que estava, em um primeiro momento, compreendendo as aflições das mesmas; contudo, em seguida, percebemos a tentativa de moldar o comportamento feminino, citando qualidades que as mulheres deveriam ter e que conotavam condutas obedientes (REIS, 2020).

Em geral, como bem sinalizou Constância Duarte (2016), os jornais femininos voltam-se para mulheres específicas: mulheres letradas, brancas, delicadas como flores³, pedras preciosas⁴ ou animais pequenos⁵, como fazem alusão alguns títulos. Outros títulos da imprensa voltada às mulheres leitoras enfatizam, em sua maioria, diretamente o público a que o impresso se dirigia e o local onde elas deveriam ser encontradas. Isso é, principalmente, no ambiente doméstico, privado, no lar⁶ - ainda que houvesse exceção.

Outra segmentação temática dessa imprensa de meados do XIX era a moda. Embora a imprensa feminina englobe, em nossa concepção, os jornais de moda, existiam alguns que eram específicos, visto que seus objetivos eram abordar, estritamente, um conteúdo referente à moda. Na década de 1850 esses periódicos pretendiam definir o que os grandes centros europeus vestiam e buscar replicar esses moldes na corte brasileira era

Fonte: identificação do autor. *Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no Jornal das Senhoras (Rio de Janeiro; 1852-1855) e A Esperança (Porto; 1865-1866)*, 2021.

Em outras palavras, percebe-se que havia toda uma lógica de dispersão de gostos e condutas, sobretudo, a partir da Rua do Ouvidor (rua destacado como número 3 no mapa). Essa rua se caracterizava como o local em que as mulheres mais abastadas começaram a circular, ainda que sempre acompanhadas de seus pais ou maridos. Ir às compras, era uma nova prática cultural que se afastava de hábitos comuns do começo do século XIX.

Pouco a pouco, os jornais demonstravam o surgimento de uma mulher leitora, escritora e consumidora, porém, com muitas resistências e preconceitos em relação à escrita feminina e a própria presença feminina no ambiente público. Afinal, o ambiente público era caracterizado como pertencente aos homens, não às mulheres, ainda que algumas vozes femininas bradassem contra isso:

Enfim, visitem as nossas assinantes os primeiros armazéns de modas [...] feminizem-se com as nossas modistas de primeira ordem, que elas por certo terem nisso muito prazer. Não mandem, vão mesmo em pessoa, que assim melhor comprarão e alcançarão com mais facilidade as explicações de que carecem (JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p. 2).

Sobre as mulheres escritoras podemos citar, por exemplo, Beatriz Brandão, Ana Luísa de Azevedo Castro e Anna Rosa Termacsis dos Santos que dedicaram parte das suas vidas a compartilharem textos e publicar em jornais do período. Beatriz e Ana Luísa escreveram artigos e romances que foram publicados na *Marmota*; por sua vez Ana Luísa e Anna Rosa publicaram obras e romances que foram lidos e relidos pelos seus contemporâneos; e que ainda podem ser encontrados tanto como livros (re)editados e publicados atualmente, como na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Viviam dos ganhos que seus escritos as permitiam e, muitas vezes, exerciam também a função de professoras, como forma de complementarem seus sustentos⁷.

Essas três mulheres citadas são apenas exemplos dentre muitas outras escritoras que publicaram seus escritos nos muitos periódicos citados anteriormente e que circularam no Rio de Janeiro na década de 1850 adiante. Publicavam nos jornais escritos por e para as mulheres, como o já mencionado *Jornal das Senhoras*; assim como na *Marmota* e no *Periódico dos Pobres*.

Todavia, é fato que se existia uma imprensa específica para as mulheres, o mesmo não podemos dizer para os homens. Aparentemente, cabia aos homens assuntos tão vastos e sua atuação nos impressos era tão mais corriqueira que, por tais razões, não se via a

necessidade de se fazer uma imprensa que, desde seus títulos, se firmassem como própria deles. Eles poderiam ler periódicos diferentes, voltados para o grande público. Ou seja, público voltado e pensado, em geral, no masculino, que abraçava temáticas de domínio dos homens letrados, como ilustrava *A Marmota*, quando expõe uma possível conversa que um médico poderia ter com homens e quais assuntos poderiam tratar com uma mulher:

O doutor acudio ao vosso chamado e acha-se sentado em uma paltrona, ao lado da senhora, vossa esposa [...].

Enquanto dedicadamente toma o pulso à sua doente, conversa com ela sobre modas, saias balões, etc., e convosco argumenta sobre política, cavalos do Cabo e questões bancárias (A MARMOTA, 1859, p. 1).

Nesse grande público, havia periódicos segmentados, com temáticas mais especializadas, que tomaram maiores vultos nesse momento, sobretudo, com a ascensão de ideias científicas, ilustrada e até religiosas. Será, então, que as mulheres ficaram alheias a tais ideias?

Periódicos voltados para o grande público na segunda metade do Oitocentos

Em termos científicos, devemos lembrar que no decorrer do período trabalhado, o positivismo se caracterizou quase como uma religião dentro da lógica cultural do Império do Brasil, pois foi na doutrina de Auguste Comte (1798-1857) que os contemporâneos encontraram um suporte, “substituto da religião, que servisse, como esta fizera no Antigo Regime, de fiador para a ordem social” (NEVES; MACHADO, 1999, p. 236). A doutrina pautava-se, à grosso modo, na valorização da ciência, na busca de comprovações científicas para se explicar certas ordens, estagnações e progresso dos povos e das coisas. Assim como valorizava-se a ordem, a autoridade e a hierarquia como seus pilares, se acomodando, dessa forma, sem grandes contrastes às crenças do tecido cultural brasileiro e toda sua hierarquia, liturgia e manutenção de privilégios (NEVES; MACHADO, 1999, p. 236-237).

Jornais científicos como: *Revista Médica Brasileira* (1841 – 1843); *Anais de Medicina Brasiliense* (1845 – 1849); *Minerva Brasiliense* (1843 – 1845) e *Guanabara, revista mensal artística, científica e literária* (1849 – 1855) – que, em 1857, passa a ser a *Revista Brasileira – Jornal de Sciencias, Letras e Artes* tomaram a cena, publicando artigos que mais que entreter, buscavam informar e instruir os indivíduos. Esses periódicos científicos, como se percebe, se desenvolveram mais profundamente a partir

do Segundo Reinado (1840 – 1889), isso porque, nessa época, conforme mencionamos anteriormente, a difusão de técnicas e novidades no campo da ciência estavam em plena expansão, principalmente após a Segunda Revolução Industrial, datada em 1870.

O objetivo dessas folhas era, basicamente, o mesmo: divulgar a ciência para a população brasileira. Como indicamos no início desse trabalho, a população era majoritariamente analfabeta, portanto, a difusão dos conhecimentos científicos acabava ficando restrito a certa parte da população. O que não significa que eles não tenham tido sua importância no período, muito pelo contrário, esses periódicos vão intervir no modo como os indivíduos agiam, em suas crenças e visões de mundo, podendo até mesmo se fundir, pela força da oralidade, às práticas mais tradicionais da sociedade (SANTOS; ALENCASTRO, 2000).

Os jornais científicos do período não eram considerados como de interesse feminino; afinal, a ciência no oitocentos era vista como racional e, por isso, pertencente aos homens. Como consequência, o *Jornal das Senhoras* (1852 – 1855), ao escrever artigos onde almejava a ilustração das mulheres, recebeu severas críticas públicas de um autor desconhecido cujo pseudônimo era “O Homem”. Um trecho de uma das críticas dizia:

Primeiro que tudo dir-lhe-ei, que a doutrina não é nova, e ela tem sido propagada por muitos utopistas e por muitas senhoras de instrução, que julgam todas as mulheres com a mesma capacidade intelectual que elas, e querem fazer do sexo feminino uma ciência viva e ambulante, que acalente seus filhos com orações de Demóstenes e de Cícero, em vez de nossos cânticos populares, que lhes ensinem a andar com preceitos geométricos de Legendre, e que lhes ensinem a falar com os algarismos de Bezout (O MÁGICO, 1852, p.3).

Se nas ciências e em sua imprensa havia uma reduzida participação feminina, o que dizer da religião? Em termos culturais a religião estava profundamente presente na sociabilidade brasileira, sobretudo na vida social do Rio de Janeiro. Logo, o batismo, o casamento, e o funeral marcavam a vida dos diferentes indivíduos do Império e poderiam fazer parte de assuntos literários, como apontavam alguns jornais de época. Títulos como *O pae de família catholico* 1858-1859), *A voz da Religião* (1846-1850) e *A Abelha Religiosa* (1854) denotavam essa religiosidade. Apropriar-se dos meios de comunicação permitia uma ampla dimensão da religião. A utilização dos jornais católicos como objetos de pesquisa tornou-se, então, uma fonte primordial para os estudos preocupados em compreender a história da religião católica no Brasil. (MARIN, 2018). De acordo com Martin:

Os primeiros jornais católicos datam da primeira metade do século XIX, sendo, porém, “pequenas gazetas de circulação quinzenal ou semanal, carregadas de textos polêmicos, que além de um raio de ação muito reduzido, em geral, duravam pouco (MARIN, 2018, p. 13).

Essa fase inicial durara, então, até meados da década de 1870 quando a imprensa católica finalmente conseguiu se consolidar e passou a informar sobre os acontecimentos dentro da igreja, além de buscarem afirmar o catolicismo em um período que o mesmo era, por vezes, criticado. A imprensa católica servia, portanto, para “*informar e formar*”, nas palavras de Marin (2018, p. 13).

Existia também os jornais antieclesiásticos que confrontavam os periódicos católicos. A igreja criticara, inclusive, D. Pedro II por pouco fazer a respeito desses confrontos e continuar incentivando a liberdade de imprensa o que fazia com que essas folhas contrárias ao catolicismo continuassem a se propagar, principalmente a partir da década de 1850. (NEVES; MACHADO, 1999, p. 203).

A religião, além dos jornais, estava no cotidiano dos contemporâneos ainda que medidas das autoridades governamentais pudessem modificar o modo com que essa religião fosse vivida. No município da corte da década de 1850, por exemplo, as reformas se sucederam com a restrição da utilização dos fogueteiros, barracas, fogueiras nas festas públicas da corte, assim como a proibição dos enterros no interior das igrejas como forma de implementação de práticas mais civilizadas e higiênicas (NEVES; MACHADO, 1999, p. 224-225). Mesmo com mudanças aparentes, a religiosidade, sobretudo a católica, continuava a abrir as cerimônias políticas, era lembrada por meio de seus impressos de cunho religioso que circulavam em diferentes cantos do Brasil, bem como adentrava o ambiente das casas e se fundiam com muitas outras formas religiosas que existiam no período (NEVES; MACHADO, 1999, p. 211).

Ainda que as mulheres não tivessem poder de decisão no que se refere a religião, assim como em muitos outros pontos sociais debatidos nesse artigo; a religiosidade era, contudo, um assunto frequentemente direcionado às mulheres. Afinal, nesse período, os argumentos de cunho religioso em torno da figura feminina eram instigados tanto por textos literários, quanto aqueles considerados oficiais na história da Igreja, como é o caso do dogma da Imaculada Conceição de Maria, datado de 1854. Com base nesse dogma, Maria não só tinha dado à luz permanecendo virgem, como também fora concebida sem pecado, sem mácula.

Por conseguinte, a igreja passou a incentivar sua vida como um modelo a ser seguido pelas senhoras da época. Já que Maria, além de pura, era boa mãe, caminho do

progresso, do bem, da moral e da ordem cristã. Maria se tornava, a partir de então, o modelo mais bem acabado de mulher a ponto de até mesmo os teóricos do catolicismo passarem a sinalizar as mulheres como aquelas condutoras do bem e da ordem, mas sempre no âmbito doméstico, onde alcançariam a sua realização com o casamento (LIMA, 2012).

A imprensa científica repelia, de certa maneira, a participação de mulheres ativas em seus assuntos, os jornais religiosos – e até outros – passaram a valorizar as mulheres como de suma importância para a propagação da fé católica a partir do culto mariano. Mas e os jornais de grande circulação? E os jornais diários??

Os jornais de grande circulação, com seus anúncios e colunas informativas, como *O Jornal do Comércio* (1827 – 2013), *O Correio mercantil* (1848 – 1868) e o *Diário do Rio de Janeiro* (1821 – 1878) eram folhas caracterizadas por serem publicadas diariamente no Rio de Janeiro e contarem com variadas publicações dos mais diversos assuntos: política, economia e cultura e etc...

Além disso, esses jornais diários eram muito conhecidos pelos anúncios que divulgavam. Habitualmente, dedicavam a última folha do jornal para que fossem publicados os mais diversificados assuntos: desde venda e/ou aluguel de casas e lojas; venda e/ou aluguel de escravizados; e, até mesmo anúncios sobre novos comércios que estavam chegando ao Rio de Janeiro poderia ser encontrado pelos leitores/leitoras nas páginas desses jornais.

Nesses, e em outros periódicos, podia-se encontrar as relações hierárquicas e políticas entre diferentes camadas sociais. Inclusive, nessas folhas, podia-se perceber como os requintes ditos civilizados e reformistas perpassavam o cotidiano da escravidão, sem que isso fosse um problema para os contemporâneos. No *Correio Mercantil*, por exemplo, é possível encontrar anúncios que colocavam a público preferências por modistas brancas e francesas, em contraposição a modistas/costureiras negras e locais.

No entanto, conviviam, nesse mesmo jornal – e contexto de busca por modernização das condutas de “bom tom” – as costureiras escravizadas, como deixa transparecer o anúncio abaixo, de 1854.

Carolina Remy, costureira, recebeu ultimamente um sortimento de fazendas francesas, camisinhas [...], lenços de cambraia, vestidos e toucas de batizados, rendas pretas e brancas, filó preto, etc.; na rua do Ourives n. 101. Também precisa-se de costureiras escravas (CORREIO MERCANTIL, 1854, n. 5, p. 8).

Percebe-se que, por mais que fossem voltados para o grande público, esses diários não deixaram de mostrar anúncios que buscavam atingir um público feminino, ainda que fosse um público diverso daquele da chamada imprensa feminina. Dado que, as mulheres, na maioria das vezes, tinham espaço, apenas nas páginas dos anúncios desses jornais, aparecendo como: mulheres costureiras, mulheres escravas e suas variações.

Assim, é possível percebemos que, em meados do XIX, o público leitor se segmentava, as reformas técnicas e materiais do período tomavam ares de progresso e civilização, mas as raízes de um país escravocrata, continuava a coexistir com as novas formas vistas como mais civilizadas sem que isso fosse, necessariamente, uma questão controversa. No dizer de Sérgio Buarque de Holanda, as tentativas de “liquidação mais ou menos rápida” de certa “herança colonial” e as buscas por modelos de comportamento próximos às nações vistas como “socialmente avançadas”, foram, em certa medida, também acompanhadas de mudanças “superficiais e artificiosas” (1995, p. 78), pois contradições sociais e culturais pairavam sob as diferentes províncias e entre elas como a manutenção da escravidão, o fato das cidades litorâneas desfrutarem de um maior número de melhorias materiais e urbanísticas que outras províncias do interior e a não contradição entre liberalismo e escravidão (HOLANDA, 1995).

Considerações finais

Atualmente, os pesquisadores que se debruçam nos arquivos de imprensa tomaram a vantagem de obter, em geral, um fácil acesso às suas fontes. Haja vista que a maioria dos periódicos se encontra digitalizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (B.N.R.J.). Esse processo de digitalização foi possível devido ao projeto realizado pela B.N.R.J. que teve como objetivo proporcionar um maior alcance ao mundo dos impressos através do site da instituição. Essa iniciativa contribuiu para muitas pesquisas ao longo dos anos, ainda mais nos anos pandêmicos enfrentados pelo Brasil, e pelo mundo, entre 2020 – 2022.

Os arquivos digitalizados são uma realidade que precisa estar cada vez mais próxima do pesquisador e das consultas efetuadas por nós. Afinal seja como fonte, seja como objeto, ou mesmo utilizando-os como fonte e objeto, os periódicos permitem saber hábitos, costumes, morais, desejos e questionamentos dos contemporâneos de um determinado tempo e local.

A digitalização dos jornais permitiu que o material estudado se perpetuasse por mais tempo, evitando um contato direto de muitos pesquisadores com papéis que, na maioria das vezes, estão em condições materiais precárias, por serem mal armazenados e/ou muito antigos. Ao digitalizar e permitir o acesso garantimos que a História, os historiadores/as, e a população tenham a possibilidade de estudar tais documentos por mais tempo, auxiliando a democratização do saber. Assim, é de suma importância nos atentarmos para as vantagens tecnológicas no que tange a compreensão e perpetuação de nossas fontes e, conseqüentemente, a continuação de estudos historiográficos.

Foi graças a essa perpetuação e acessibilidade das fontes que foi possível analisarmos que os jornais da segunda metade do século XIX buscavam informar e atualizar um reduzido nicho de letrados, inclusive, mulheres leitoras que viviam toda a novidade das inserções das ideias liberais e os almejos por modernidade. As folhas impressas passaram a contar com redatoras e redatores que colocavam a público páginas repletas de temáticas literárias, com romances, moda, eventos públicos e privados da corte do Rio de Janeiro que se destinavam a grupos específicos, com prescrições morais características e reformas particulares que deveriam surgir para cada um desses universos.

Para os/as historiadores/as que desejam trabalhar com tais tipos de periódicos é necessário ter em mente que a imprensa era, em suma, um canal de comunicação subjetivo. Havia intenções por trás das decisões editoriais que acompanhavam os redatores e redatoras que conduziam as folhas de então. Além disso, é preciso compreender como essas prerrogativas alcançavam os leitores e também as leitoras nesse período estudado, já que a década de 1850 pode ser considerada como um marco na inserção das mulheres no universo dos periódicos, conforme explicitado ao longo do artigo.

Destacamos ainda que embora tenhamos destrinchado as temáticas, em certa medida, alguns assuntos – como os de moda, de literatura, de anúncio, de religião e outros – poderiam aparecer em um único jornal. O que evidencia como esses periódicos se ligavam a sociedade em que era produzido; ou seja, eles não estavam avulsos e isolados, na realidade eram produzidos a partir de escolhas, de interesses e assuntos que agradavam àqueles contemporâneos/consumidores que viviam em um mesmo tempo histórico.

Nesse período, a diversidade temática tornou-se uma realidade, principalmente, a partir dessa segunda metade do século XIX. Cada vez mais os periódicos se especificavam ou procuravam trazer diferentes seções, diferentes assuntos, devido à necessidade de atrair um amplo público leitor. Afinal, era difícil manter um periódico no

decorrer desse tempo. Os jornais, sobretudo os menores, eram mantidos pelas assinaturas e pelos investimentos pessoais de seus donos. Porém, o investimento era caro, o papel era caro, e poucos eram os letrados e letradas. As estratégias de venda, então, eram um diferencial para permanecerem nos prelos. Assim, muitos jornais buscavam manter um editorial em que tratassem de diferentes questões da realidade vivida, embora, muitas vezes, tivessem destaque para um leitor ou assunto específico, como a moda, a religião, o comércio e assim por diante.

A imprensa na década de 1850 estava atenta às mudanças políticas, culturais e sociais que dominavam o período e procuravam, portanto, agradar “a gregos e troianos”, respeitando o programa exposto no editorial de fundação do impresso e seus objetivos principais, mas sempre buscavam ter estratégias para atualizar e informar o público leitor. Estratégias essas que podemos demarcar como: possíveis barateamentos; modificações na forma de aquisição do impresso; ou, até mesmo, brindes, como os riscos de bordado, as estampas de moda e partituras musicais que se abrigavam nas páginas de alguns impressos.

Esses periódicos da década de 1850, além de estratégia de vendas, também interagiam com um tempo no qual a palavra “civilização” era empregada como uma palavra chave. O almejo por civilização proporcionava modificações que eram propagadas pelas páginas impressas, mas também, modificações nas próprias páginas impressas. A busca por essa tão sonhada civilização moldava comportamentos, aumentava as páginas que eram dirigidas aos jornais literários e científicos, permitia que as damas não apenas se tornassem mais instruídas, como também, comprassem diferentes fazendas nas ruas do ouvidor, frequentassem modistas e costureiras, tivessem mais oportunidades de serem leitoras, escritoras e redatoras.

Alguns periódicos ensinavam normas comportamentais às mulheres leitoras, outros anunciavam as melhores modistas e costureiras e faziam questão de anunciar que, no mesmo mundo que almejava se civilizar, poderia existir uma costureira escravizada e isso não era uma questão controversa. O liberalismo e o escravismo conviviam num mesmo solo e numa mesma folha.

E, nesse contexto, as mulheres, passaram a circular no mundo dos impressos com mais frequência e eram debatidas, comentadas, moldadas e auxiliavam a moldar as páginas impressas, já que muitos jornais passaram a se dedicarem a elas ou criar seções específicas para as mesmas e passaram, inclusive, a publicar textos escritos por mulheres.

Dentre as segmentações temáticas, a presença das leitoras e escritoras é um dos fatores que mais chama atenção em nossa análise, é nesse período que começam a aparecer nos jornais mais mulheres escrevendo e assinando seus próprios nomes, sem recorrerem aos pseudônimos (ainda que eles existissem e estivesse presentes), como foi o caso da escritora e professora Beatriz Brandão. Portanto, é a partir de meados do século XIX que, com mais facilidade, os pesquisadores encontram informações sobre elas nos arquivos de imprensa, sobretudo, no caso do Rio de Janeiro; contudo há também aparições e circulações em outras províncias.

O fato é que a imprensa oitocentista se desenvolveu de forma vertiginosa ao longo das últimas décadas do século XIX, com modificações e estratégias que, numa longa duração, podemos ver perpetuações das práticas até os dias de hoje. A virada em meados de 1850 é apenas o começo para o que se constituiria o mundo dos impressos ao longo dos anos subsequentes, afinal os jornais eram o maior meio de comunicação do século XIX e tudo – ou quase tudo – o que acontecia na sociedade estava registrado nas páginas desses periódicos.

É justamente por esse motivo que os periódicos são uma fonte histórica fundamental para que possamos investigar nosso passado e colocar nossas intuições de historiadores/as em ação. Nesse artigo, a imprensa foi mais que nossa fonte, foi também nosso objeto de pesquisa. Adentrar no mundo da imprensa nos permitiu entender as suas múltiplas formas de abordagem e a escolhida por nós foi, justamente, perceber como as segmentações temáticas, tão presentes na sociedade brasileira, foram ganhando as folhas de então destacando a presença de novas temáticas nesses jornais, a participação ativa de um novo público leitor, ou melhor dizendo, público leitora e, por fim, mas não menos importante, as mulheres enquanto participantes diretas dessa imprensa, como redatoras e/ou escritoras.

Nos decênios seguintes a imprensa cresceu ainda mais, as décadas de 1860 e 1870 veem florescer as revistas, a maior incidência dos jornais ilustrados e um número enorme de novidades que despertavam os interesses da população, mas nós paramos por aqui já que os anos subsequentes são assuntos para outra história.

Referências bibliográficas:

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: Jean-Pierre Rioux & Jean François Sirinelli. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 351.

BOURDIEU, Pierre. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989.

BUITONI, Dulcília S. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, Roger. Distinção e divulgação: a civilidade e seus livros. In: CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1999.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HOLANDA; Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição, 14ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Joelma Varão. O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (RJ, segunda metade do século XIX). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2012.

MACEDO, Joaquim. *Memórias da rua do Ouvidor*. São Paulo: Saraiva, 1963.

MARIN, Jérri Roberto. Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(3): 197-217, 2018.

MARTINS, Ana Luíza & LUCA, Tânia Regina (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: O surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial*. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MACHADO, Humberto Fernandes Machado. 2ª impressão. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NEVES, Lúcia Maria. B. P. das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (Org.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; FAPERJ, 2006.

REIS, Laura J. de M. *As mulheres no periódico Marmota: escritos, estratégias e noções de civilidade (1849 – 1864)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2020.

RIBEIRO, Cristiane de Paula. *A vida caseira é a sepultura dos talentos: gênero e participação política nos escritos de Anna Rosa Termacsis dos Santos (1850-1886)*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/9807/4/cristianedepaularibeiro.pdf>. Acesso em: 12 de fev. 2022.

SANTOS, Anna Rosa Termacsis. *Tratado sobre a emancipação política da mulher e o direito de votar*. Brasília: Edições Câmara, 2022.

SANTOS, Nadja P e ALENCASTRO, R Bicca de: Pinto, Ângelo da C. *Jornais científicos brasileiros do século XIX (1813-1889) - Publicações na área da química. Química Nova*, 200.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Tipografia de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1878.

Fontes Primárias:

A ABELHA RELIGIOSA: VERDADE E CARIDADE. Rio de Janeiro: Tipografia Dous de Dezembro, 1854.

A BORBOLETA. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1857.

A ESTAÇÃO: JORNAL ILUSTRADO PARA A FAMÍLIA. Rio de Janeiro: Livraria Lombaerts e Comp., 1879 – 1904.

A MÃI DE FAMÍLIA. Rio de Janeiro: Tipografia dos Editores, 1879 – 1888.

A MARMOTA. Rio de Janeiro: Tipografia Dous de Dezembro, 1857 - 1864.

A MARMOTA NA CORTE. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1849-1854.

A VIOLETA FLUMINENSE. Rio de Janeiro: Tipografia de F. A. de Almeida, 1857-1858.

A VOZ DA RELIGIÃO: UNUS DOMINUS, UNA FIDES. Pernambuco: Tipografia de Santos e Companhia, 1846-1850

ANAIS DE MEDICINA BRASILIENSE. Rio de Janeiro, 1845 – 1849.

CORREIO MERCANTIL, INSTRUTIVO, POLÍTICO E UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Francisco José dos Santos e Rodrigues, 1848-1868.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia Real, 1821-1878.

ESPELHO FLUMINENSE OU NOVO GABINETE DE LEITURA: Modas, Poesias, Charadas, Etc. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1843.

FIGARO-CHRONIQUEUR: JOURNAL CRITIQUE, COMIQUE, SATYRIQUE, ANECDOTIQUE, RÉCRÉATIF ET AMUSANT. Rio de Janeiro: Tipografia Imprimerie Moderne de Georges Bertrand, 1859.

GUANABARA, REVISTA MENSAL ARTÍSTICA, CIENTÍFICA E LITERÁRIA. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarensis, 1849 – 1855

JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro: Tipografia Parisiense, 1852-1855.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1827-2013.

MARMOTA FLUMINENSE. Rio de Janeiro: Tipografia Dous de Dezembro, 1854-1857.

MINERVA BRASILIENSE. Rio de Janeiro, Tipografia de J. E. S. Cabral, 1843 – 1845.

NOVELLISTA BRASILEIRO OU ARMAZEM DE NOVELLAS ESCOLHIDAS: REVISTA FEMININA DA CASA LAEMMERT. Rio de Janeiro, 1851.

NOVO CORREIO DAS MODAS: NOVELLAS, POESIAS, VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTÓRICAS, ANECDOTAS E CHARADAS. Rio de Janeiro, Tipografia Universal Laemmert- 1852 a 1854.

NOVO GABINETE DE LEITURA. Rio de Janeiro, 1850.

O ESPELHO: REVISTA SEMANAL DE LITTERATURA, MODAS, INDUSTRIA E ARTES. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1859 – 1860.

O PAE DE FAMÍLIA CATHOLICO. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1858-1859. O SEXO FEMININO, 1873 – 1889.

PERIÓDICO DOS POBRES. Rio de Janeiro: Tipografia dos Pobres, 1850-1871.

RECREIO DO BELLO SEXO. Rio de Janeiro, 1856

REVISTA BRAZILEIRA - JORNAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES. Rio de Janeiro, 1857.

REVISTA MÉDICA BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de F. P. Brito, 1841 – 1843.

¹A Praieira é considerada a última revolta do período regencial. Ela foi desencadeada em Pernambuco como resultado das intrigas que tinham levado ao golpe da maioria. Ver mais em: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. MACHADO, Humberto Fernandes Machado. 2ª impressão. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 239-241.

²Sendo esses: A Marmota na Corte/ A Marmota Fluminense/ A Marmota (1849- 1864), Novo Gabinete de Leitura: Repertório oferecido às Famílias Brasileiras, para seu recreio e Instrução (1850), Novellista Brasileiro ou Armazem de Novellas Escolhidas: Revista Feminina da Casa Laemmert (1851), O Jornal das Senhoras: Modas, Literatura, Bellas- Artes, Teatros e Crítica (1852-1855) Novo Correio das Modas: Novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas (1852 -1854), Recreio do Bello Sexo: Modas, Literatura, belas-Artes e teatro.(1852- 1856), A Borboleta (1857), A

Violeta Fluminense: Folhas Críticas e Literárias Dedicada ao Belo Sexo (1857-1858), O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Industria e Arte (1859-1860) e Figaro-Chroniqueur (1859).

³A *Rosa* (1907-1908/Cidade de Goiás-GO; 1883/Rio de Janeiro-RJ; 1890-1893/Recife-PE); *O Lyrio* ou *Lirio* (1898/Cataguases-MG; 1902-190/Recife-PE; 1875/Fortaleza-CE; 1960/São Paulo-SP); *A Bonina* (1891/Oliveira-MG; 1854/Recife-PE); *A Camelia* (1890/São Paulo-SP; 1854/Recife-PE; 1898/Mar de Espanha-MG); *A Madressilva* (1869-1870/Recife-PE); *A Violeta ou Violeta* (1887/São Paulo-SP; 1849/São Paulo-SP; 1878-1879/Rio Grande-RS; 1900/Rio de Janeiro-RJ; 1918-1950/Cuiabá-MT); *O Jasmim* (1857/Curitiba-PR; 1850/Recife-PE); *A Primavera* (1861/Rio de Janeiro-RJ; 1875/Açu-RN); *A Flor* (1909/Penedo-AL; 1921-1933/Feira de Santana-BA); *A Tulipa* (1879-1880/Estância-SE); *Magnolia* (1905/Laguna-SC).

⁴*A Perola* (1899/São Paulo-SP; 1895-1896/Oliveira-MG); *A Esmeralda* (1850/Recife-PE).

⁵*A Borboleta* (1902/Sabará-MG; 1888/Teresina-PI; 1859/Aracaju-SE; 1860/João Pessoa-PB; 1857/Rio de Janeiro-RJ); *O Beija-Flor* (1897/Viçosa-MG; 1850/Belém-PA; 1883/Recife-PE; 1880/Recife-PE; 1869-1870/Maceió-AL; 1881/Salvador-BA); *Phalena* (1877/Recife-PE); *O Colibri* (1870/Rio de Janeiro-RJ; 1888/Manaus-AM).

⁶Como exemplos, temos: *O Sexo Feminino* (1873-1874), da cidade de Campanha-MG; *A Mulher* (1875), de Recife-PE; o *Bello Sexo* (1868), do Rio de Janeiro-RJ; o *Espelho das Bellas* (1860-1861), de Maragogipe-BA; a *Revista Feminina* (1914-1926), de São Paulo-SP; *O Jardim das Maranhenses* (1861-1862), de São Luís-MA; e *O Despertador das Brasileiras* (1830-1831), de Salvador-BA. Outros títulos, especificam uma leitora específica: *A Mai de Família* (1879-1888), do Rio de Janeiro-RJ; o *Almanach Litterario Alagoano das Senhoras* (1888-1889), de Maceió-AL; *A Mocinha* (1888), de Curitiba-PR; o *Jornal das Damas* (1890), de São Paulo-SP; e *A Senhorita* (1920), de Curitiba-PR. Já *O Anjo do Lar* (1898), de Belém-PA, ou *O Mensageiro do Lar* (1909-1942), de São Paulo-SP e outros.

⁷Para saber mais ver: Reis, Laura J. de M. As mulheres no periódico Marmota: escritos, estratégias e noções de civilidade (1849 – 1864). Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2020; RIBEIRO, Cristiane de Paula. A vida caseira é a sepultura dos talentos: gênero e participação política nos escritos de Anna Rosa Termacsis dos Santos (1850-1886). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/9807/4/cristianedepaularibeiro.pdf>. Acesso em: 12 de fev. 2022. SANTOS, Anna Rosa Termacsis. *Tratado sobre a emancipação política da mulher e o direito de votar*. Brasília: Edições Câmara, 2022. CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisca de Villar*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

Artigo recebido em 20 de fevereiro de 2022.

Aceito para publicação em 8 de junho de 2022.